

**A INVENÇÃO DO EU PELO OUTRO: NARRATIVAS MIDIÁTICAS EM PRIMEIRA PESSOA SOBRE TRANSTORNOS PSIQUIÁTRICOS**

**Isabela Machado de Oliveira Fraga<sup>1</sup>**

**Resumo**

A transformação das relações entre normalidade e patologia é acompanhada pela forma como os próprios pacientes veem-se como doentes. Nessa construção de subjetividades, o discurso de si tem espaço privilegiado, argumenta Arfuch (2006). Este trabalho analisará as narrativas sobre depressão da cantora sertaneja Paula Fernandes, elencada como uma das 100 personalidades brasileiras mais influentes do ano de 2011 pela revista Época. A partir de entrevistas concedidas pela cantora a diversos veículos, identificaram-se narrativas sobre transtornos mentais de maior ressonância na contemporaneidade, como a autonomia, o sucesso e, principalmente, a autenticidade. É por meio de seus relatos pessoais sobre depressão que Paula Fernandes inventa-se como celebridade autêntica no cenário contemporâneo.

**Palavras-chave:** Subjetividade. Psiquiatria. Autenticidade. Celebridade. Autonomia.

**Texto**

“Oi amores! Aqui está meu depoimento sobre um assunto muito sério, q pode atingir a qualquer pessoa: A Depressão! [link] Espero assim, poder ajudar a todos que estão passando por esse momento difícil! É possível vencer a depressão! Eu venci, vcs tb podem! Bjos” (sic)<sup>2</sup>. Essas frases, distribuídas em duas postagens, foram publicadas pela cantora sertaneja Paula Fernandes no Twitter, em fevereiro de 2013. Juntos, os dois tuítes foram reproduzidos mais de 900 vezes. No Facebook, onde a mensagem também foi postada, 7.777 pessoas curtiram, 1.084 compartilharam e 949 fizeram algum comentário<sup>3</sup>. O link para o qual Paula Fernandes direcionava era um depoimento seu ao Fantástico, transmitido um dia antes, no

---

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós Graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: fraga.isabela@gmail.com.

<sup>2</sup> Disponível em <https://twitter.com/PaulaFernandes7/status/303318114181976064>, publicado em 18/02/2013.

<sup>3</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/OficialPaulaFernandes/posts/121284078052708>, publicado em 18/02/2013.

qual a cantora sentenciava, sobre a depressão que a acometeu aos 18 anos: “Infeliz, nunca fui; eu fiquei doente”<sup>4</sup>.

A popularidade da mensagem de Paula sobre sua depressão nas redes sociais equivale ao estrondoso sucesso da cantora nos últimos três anos. Em tempos de crise da indústria fonográfica, Paula vendeu, apenas em 2011, mais de um milhão de cópias de seu DVD, segundo o portal UOL<sup>5</sup>; seu CD mais recente (2012) ficou em segundo lugar entre os mais vendidos do Brasil, com 312.257 cópias, segundo a Associação dos Produtores de Discos<sup>6</sup>; e a cantora também é fenômeno de vendas em Portugal, de acordo com o site Sapo<sup>7</sup>. Pode-se dizer sem dúvida: Paula Fernandes é uma celebridade. E, como tal, é um símbolo cultural, que tem notoriedade não apenas por seu desempenho profissional, mas – talvez principalmente – por sua intimidade tornada pública, que tomaria, aos olhos dos espectadores e fãs, uma aura de autenticidade. Como argumenta Meyers, ecoando Schickel:

Nossa fascinação com celebridades, além de seu poder como símbolos culturais, está enraizada na “ilusão de intimidade”, construída entre a audiência e a figura da celebridade na mídia de fofocas. (2009, p. 892)

Esse “espetáculo da interioridade” (ARFUCH, 2006) tem especial ressonância no estudo de caso deste artigo, que analisa as narrativas de si proferidas por uma celebridade, que têm como base um aspecto bastante íntimo de sua vida: um transtorno mental – a depressão. Historicamente, portadores de doenças mentais são considerados desviantes, seja no mesmo patamar dos criminosos e devassos na era clássica (FOUCAULT, 2010), seja como rótulo específico (ou estigma) que designa aqueles que não cumprem a norma da autonomia (GOFFMAN, 1963; EHRENBERG, 2005; FREIRE COSTA, 2004). Assim, vale perguntar: quais contextos socioculturais permitem, então, que uma celebridade do naipe de Paula Fernandes discorra detalhadamente sobre um aspecto íntimo de sua identidade? Por que Paula elabora, em diversos programas de TV e nas redes sociais, a construção de sua subjetividade a partir de um rótulo que a classificaria como *fraca* (ou estulta, nas palavras de Freire Costa)? Essas são algumas das perguntas que este artigo pretende abordar. Ou, dito à luz de Foucault:

<sup>4</sup> Disponível em <http://g1.globo.com/fantastico/quadros/canal-f/noticia/2013/02/infeliz-nunca-fui-eu-fiquei-doente-afirma-paula-fernandes.html>.

<sup>5</sup> Disponível em <http://virgula.uol.com.br/musica/sertanejo/cd-e-dvd-de-paula-fernandes-chega-a-um-milhao-de-copias-vendidas>.

<sup>6</sup> Disponível em <http://veja.abril.com.br/blog/radar-on-line/diversos/conheca-a-lista-dos-dez-cds-mais-vendidos-de-2012/>

<sup>7</sup> Disponível em <http://musica.sapo.pt/noticias/concertos/paula-fernandes-estreia-se-em-portugal-com-concerto-gratuito>.

quais contingências permitiram a emergência de determinados discursos – de si – que alicerçam o entendimento do *self* em meio a palavras-chave como autonomia, performance, autenticidade, felicidade?

Esses relatos se enquadrariam no que a crítica cultural argentina Leonor Arfuch denomina “espaço biográfico” (2006), expressão que abarca não só biografias, autobiografias, confissões, memórias, diários e cartas, mas também gêneros menos ou nada consagrados, como entrevistas, conversas, perfis, testemunhos, relatos de autoajuda, *talk shows*, *reality shows* e uma infinidade de produtos midiáticos que têm proliferado abundantemente nas últimas décadas. Não à toa, a maioria dos relatos de Paula analisados aqui foram feitos durante entrevistas em programas de TV. De 2011 até julho de 2013, a cantora falou sobre sua depressão à apresentadora Ana Maria Braga, no programa *Mais Você* (Globo)<sup>8</sup>, no programa matinal *Encontro com Fátima Bernardes* (Globo)<sup>9</sup>, à jornalista Marília Gabriela no programa *De frente com Gabi* (SBT)<sup>10</sup>, no programa *Manhã Maior* (RedeTV)<sup>11</sup>, no noticiário Record Notícias, no *Domingão do Faustão* (Globo)<sup>12</sup> e, como já foi mencionado, ao Fantástico (Globo). A cantora também deu entrevistas sobre o assunto ao portal Terra<sup>13</sup>, e todas as suas participações nos programas citados foram repercutidas por sites e jornais como Contigo<sup>14</sup>, Uol<sup>15</sup>, *O Dia*<sup>16</sup>, Caras<sup>17</sup> e Yahoo!<sup>18</sup>.

Mineira da cidade de Sete Lagoas, Paula conta ter começado a cantar aos oito anos – quando ela e sua família vendiam numa mercearia da cidade os produtos feitos em seu sítio. Aos dez, gravou seu primeiro disco independente e começou a fazer shows em festas e a

---

<sup>8</sup> Disponível em <http://globo.tv.globo.com/rede-globo/mais-voce/v/paula-fernandes-sou-o-resultado-da-depressao-que-tive-aos-18-anos/2139067/>, veiculado em 14/09/2012;

<sup>9</sup> Disponível em <http://br.tv.yahoo.com/blogs/notas-tv/paula-fernandes-diz-que-teve-depress%C3%A3o-tomei-tarja-165147168.html>, veiculado em 07/06/2013.

<sup>10</sup> Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=9bHnJv6uTQY>, veiculado em 19/05/2013.

<sup>11</sup> Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=ISCDY-ZApRY>, veiculado em 30/03/2011.

<sup>12</sup> Disponível em <http://diversao.terra.com.br/tv/paula-fernandes-fala-da-depressao-no-comeco-da-carreira,94efca1fe1737310VgnCLD100000bbcceb0aRCRD.html>, veiculado em 16/10/2011.

<sup>13</sup> Disponível em <http://diversao.terra.com.br/tv/paula-fernandes-fala-da-depressao-no-comeco-da-carreira,94efca1fe1737310VgnCLD100000bbcceb0aRCRD.html>.

<sup>14</sup> Disponível em <http://contigo.abril.com.br/noticias/paula-fernandes-sobre-depressao-cheguei-tomar-tarja-preta>.

<sup>15</sup> Disponível em <http://musica.uol.com.br/noticias/redacao/2012/09/14/paula-fernandes-conta-que-teve-depressao-aos-18-anos-por-se-achar-incapaz-para-ser-cantora.htm>.

<sup>16</sup> Disponível em <http://odia.ig.com.br/portal/diversaoetv/eu-venci-a-depress%C3%A3o-diz-paula-fernandes-no-twitter-1.550230>

<sup>17</sup> Disponível em <http://caras.uol.com.br/especial/musica/post/paula-fernandes-sobre-depressao-de-frente-com-gabi-sbt>

<sup>18</sup> Disponível em <http://br.tv.yahoo.com/blogs/notas-tv/paula-fernandes-diz-que-teve-depress%C3%A3o-tomei-tarja-165147168.html>

participar de programas da mídia regional. Aos 12 anos, a cantora mudou-se para São Paulo com sua família, onde foi contratada por uma empresa de rodeios. Podemos dizer que a transformação de “pessoa comum” para “celebridade” (TURNER, 2009) começa aos 22 anos, quando grava a música “Ave Maria Natureza”, que foi tema de uma novela da Globo. Mas o marco de seu sucesso foi no final de 2010, quando cantou ao lado de Roberto Carlos no especial de fim de ano da Globo, na praia de Copacabana, para mais de 700 mil pessoas<sup>19</sup>.

Ao descrever-se, Paula se diz uma pessoa “muito caseira”, de “muita responsabilidade”, “mais equilibrada, mais tranquila”, “muito dedicada”. No programa *De frente com Gabi*, a cantora revela que nunca havia beijado um rapaz até os 19 anos, não fuma (“nunca experimentei”), nem bebe (“experimentei cerveja uma vez e achei que não era pra mim”). Tudo isso, diz ela, na mesma entrevista, faz parte do exemplo para os jovens, sua “missão”:

Resgatar alguns valores através da música. Cantar o amor de forma mais simples, num tempo em que as pessoas trocam de namorado como trocam de roupa (...). Trazer essa coisa mais simples, essa pureza (...). Então, num momento em que elas [as jovens] estão um pouco sem referência (...), eu acabo sendo uma referência pra elas. [...] E isso também é missão. E eu não posso simplesmente desembestar...

Não à toa, o grupo – imenso – de fãs jovens da cantora se autodenomina Pauletes, com direito a uma *hashtag*<sup>20</sup> (#Pauletes), usada em sites como o Twitter e o Instagram. Ao mesmo tempo, Paula classifica como um de seus maiores defeitos ser “meio braba” e aparece na capa de seu CD mais recente (*Meus encantos*) num *top* que evidencia tanto sua cintura fina e desnuda tanto quanto o decote aprofundado – em contraste com a imagem angelical emanada por seu disco anterior (*Pássaro de Fogo*). É a sensibilidade, que ela classifica como “à flor da pele”, que ela credita como um dos motivos para sua depressão, quando contou no programa *Mais Você*: “descobri que eu tive depressão porque sou uma pessoa sensível”. A cantora parece colocar-se, assim, num lugar ambíguo entre a visão tradicional da mulher como um ser emotivo, sensível e pacífico e o “o modelo de performance acentuadamente erotizada que a mídia consagrou como a representação de uma nova subjetividade feminina juvenil — assertiva, energética, empoderada, livre dos constrangimentos da feminilidade passiva” (FREIRE FILHO, 2013, p. 17).

<sup>19</sup> Essas informações foram colhidas do site oficial da cantora (<http://www.paulafernandes.com.br/>) e de sua entrevista no programa *De frente com Gabi*, já citado.

<sup>20</sup> Disponível em <https://twitter.com/search?q=%23pauletes&src=typd>.

A narrativa de Paula Fernandes sobre sua depressão foi, como vimos, bastante reproduzida e repercutida em diversos veículos da mídia e nas redes sociais. Também como já vimos, os relatos de celebridades (ou sobre celebridades) que enfatizam aspectos de sua vida cotidiana, íntima e privada se multiplicam em resposta tanto à demanda pelo *real* de seu público que reconhece na celebridade uma espécie de construção, como à “ética da autenticidade”, como aventada por Taylor (ano) e outros. Lançada como valor na virada do século XVIII para o XIX, a autenticidade teve na ascensão do gênero autobiográfico um lugar privilegiado de construção – principalmente nas *Confissões* de Jean-Jacques Rousseau, obra entendida por diversos autores como o marco de inauguração da autobiografia moderna, agente importante na guinada subjetiva do pensamento ocidental. Na palavras de Taylor:

Rousseau muitas vezes apresenta a questão da moralidade como a nossa busca por uma voz da natureza dentro de nós. Essa voz é frequentemente abafada pelas paixões induzidas por nossa dependência de outros, das quais a principal é o “amour propre”, ou orgulho. Nossa salvação moral advém da recuperação do contato moral autêntico com nós mesmos (TAYLOR, 1991, p. 27)

Hoje, claro, a autenticidade toma outra forma como um dos ideais da vida contemporânea: buscamos ser o melhor de nós mesmos; e o nosso melhor eu já está dentro de nós – basta que nós o encontremos e o desenvolvamos. Como define Guignon, a autenticidade, hoje, é “um projeto de se tornar a pessoa que você é” (GUIGNON, 2004, p. 4). Se a construção da celebridade representa os ideais e identidades desejados e idealizados pela sociedade contemporânea, “quem nós pensamos que a celebridade é ‘de verdade’, então, nos diz algo sobre quem nós somos ou quem nós queremos ser” (MEYERS, 2009, p. 895). Ou seja: a celebridade autêntica representa o fã, mas o fã que desenvolveu seu potencial, que *descobriu o melhor dentro de si*.

Assim, quando Paula conta sua história com a depressão que teve aos 18 anos, aproxima-se da *celebridade autêntica* tão valorizada, perseguida e construída pelo público e pela mídia (FREIRE FILHO, 2013). Na narrativa que ela constroi, o transtorno psiquiátrico é o único deflagrador para *o encontro de si mesma* e da formação de sua subjetividade. Nesse processo que a própria cantora chamou de “momento de renascimento” na entrevista à RedeTV, estão presentes palavras-chave no entendimento da cultura contemporânea como autogestão, autonomia, vontade e sucesso – e, obviamente, seus antônimos.

A gestão de si como paradigma contemporâneo está evidenciada em toda sorte de mídia: na literatura de autoajuda, em reportagens de jornais, revistas e televisão. A regra é ascender profissional, financeira e até espiritualmente por si mesmo (FREIRE FILHO, 2011). De reivindicações em um contexto repressor e disciplinar, a autonomia e o bem-estar ativo e pessoal passaram a imperativos que, se descumpridos, são indicadores de “fracasso” e de incapacidade individual. O bem-estar deixou de relacionar-se a um contexto social no qual o governo tem papel primordial para se tornar um estado de alcance puramente individual (SOINTU, 2005). E a felicidade não é mais produto de “árido esforço coletivo para transformação de circunstâncias externas”, mas um “projeto de engenharia pessoal” no qual nossas escolhas e *vontade*<sup>21</sup> são os elementos determinantes (FREIRE FILHO, 2010: 13).

Esse cenário não se configura, necessariamente, a partir de um enfraquecimento das regras sociais ou de um controle social pelo Estado e suas instituições, mas por meio de uma transformação – internalização – dessas regras no escopo da autonomia individual (EHERENBERG, 2005). Assim, o sofrimento psíquico e os transtornos mentais tratados pela psiquiatria são também desvios da norma da autonomia e dos imperativos que a acompanham – competência, empreendedorismo, autoestima –; manifestações das tensões vividas por esse indivíduo que não dá conta das demandas que lhe são feitas. É o caso da depressão relatada por Paula Fernandes. Em entrevista a Ana Maria Braga, a cantora exemplifica, em sua perspectiva, a surpresa dos que descobrem que ela foi diagnosticada com o transtorno psiquiátrico – justamente porque ela não se enquadrava no estereótipo do *fracassado*:

Ana Maria Braga: Acho legal conversar com as meninas [sobre] isso [depressão], porque as pessoas falam assim ‘não, tá fazendo sucesso, tá cantando, bonita desse jeito!’ Como é que pode?

Paula Fernandes: [...] É algo que eu também não aceitava. Como é que pode ser jovem e cheia de saúde, de repente ter isso?

Em entrevista à RedeTV, a cantora oferece algumas razões para a doença: sua carreira, naquele momento, não era bem-sucedida como ela pensava que deveria ser. Foi quando seu

---

<sup>21</sup> Grifo a palavra *vontade* porque ela é dotada de importância inédita: nada parece ser mais determinante do que nossa vontade de realizar algo: se esse algo não acontecer, significa que, na verdade, não o queríamos. Exemplo alegórico está no livro *O segredo*: “Você é o criador de si mesmo, e a lei da atração é sua ferramenta fantástica para criar o que você quiser em sua vida. Bem-vindo à magia da vida e à grandeza de Si mesmo!” (BYRNE, 2007: 28)

“organismo” deu dicas “de que tinha alguma coisa errada”. Na busca pelo sucesso, portanto, Paula fracassou, bem como na vida social. Como diz a cantora:

Foi uma questão de trabalho, questão de vida, muitas portas fechadas, eu era muito jovem [...]. Pra quem começa a cantar aos 8 anos de idade, trabalhar mesmo aos 9, 10 anos, aos 18 acha que vai estar com uma vida diferente. E aí partir do momento que isso não aconteceu, o meu organismo mesmo me deu assim as dicas de que tinha alguma coisa errada. Eu não tinha vida social, eu nunca tinha namorado aos 18 anos [...]. E como minha prioridade sempre foi o trabalho e as coisas acabaram não dando certo, porque não era praquela hora, não eram praquela momento, eu acabei adoecendo e não ficando bem mesmo.

O que Ehrenberg chama de “falha da autonomia”, Jurandir Freire Costa denomina “estultícia”. A anormalidade, hoje, estaria figurada na estultícia – ou, para Ehrenberg, no fracasso do autocontrole. O normal é uma força de vontade de modo que o controle e o governo de si desenrolem-se sem percalços. Os estultos são os fracos que não conseguem exercer sua autonomia, demonstrando vontade fraca de diversas formas (FREIRE COSTA, 2004). Faz sentido, portanto, que a *anormalidade* de Paula naquele momento – “a gente passa a rejeitar o que mais ama na vida [cantar]” – fosse traduzida em um diagnóstico psiquiátrico.

A cantora frisa, no entanto, que esse fracasso de autonomia ou estultícia não eram *voluntários*, mas sim causados por uma doença fundamentalmente orgânica: “Então se a galera de casa tá aí ‘ah, porque eu não quero mais fazer aquilo’, às vezes é o que você mais quer, mas é a questão orgânica!”. O transtorno, até então manifestado de forma subjetiva, ganha contornos materiais. De fato, o entendimento do sofrimento psíquico no escopo orgânico é discurso dominante na sociedade contemporânea: trata-se da *individualidade somática* aventada por Nikolas Rose (2003), uma maneira de interpretar os sentimentos, medos e angústias do *self* codificados em termos corporais. Ou seja: ao mesmo tempo que a autonomia (ou a vontade) são necessárias para uma vida bem-sucedida, seu fracasso é atribuído a causas materiais. Como afirma Freire Costa:

O mais importante, contudo, na formação das bioidentidades, são as antinomias psicológicas produzidas pelas regras draconianas da bioescese. A primeira delas consiste em definir a vontade como mestra do corpo, mas *atribuir seus malogros a causas orgânicas não intencionais* (FREIRE COSTA, 2004: 196, grifo meu)

No entanto, ao mesmo tempo em que a narrativa de Paula constroi sua doença como orgânica que suprimiu sua vontade e sua autonomia, ela teve um papel fundamental na descoberta de sua *verdadeira identidade*. Se a doença mental é o fracasso da autonomia para

levar uma vida eficiente e controlada, ao mesmo tempo o “bom doente” não pode largar de mão o controle sobre a própria doença. Ele percebe os sintomas, uma reincidência ou um colapso iminente, e tem a responsabilidade de consultar seu psiquiatra. Sobre isso, Paula alerta os telespectadores durante a entrevista à RedeTV:

No dia que me falaram que eu tinha que visitar um psiquiatra, eu achei que tava ficando doida. [...] Todo mundo acha que procurar psiquiatra é coisa de doido (risos). [...]

Para aquelas que desconfiam, a primeira coisa que tem que fazer é perder o preconceito. E para aquelas que já descobriram, é continuar o tratamento. O preconceito é o maior dos problemas. Qualquer pessoa pode ter depressão e muita gente jura de pé junto que não tem. Isso é um dos maiores problemas!”

E, em seu depoimento ao Fantástico, a cantora reforça a importância de buscar tratamento. Se ela não tivesse se tratado por dois anos com remédios psiquiátricos e psicoterapia – que a cantora afirma fazer até hoje –, ela “não estaria aqui, teria feito alguma bobagem”. É o “paciente competente” a que se refere Ehrenberg. O portador de doença mental é cada vez menos o alienado – no duplo sentido sugerido pela palavra. Ele acompanha e avalia sua própria doença, tornando-se ator de seu próprio transtorno psiquiátrico. Se não somos todos efetivamente portadores de transtornos mentais, o somos em potencial, e devemos cuidar para que essa doença seja tratada quando (e se) surgir.

E é somente por ser essa paciente ativa e competente que Paula afirma ter conseguido *renascer*. Ao ser diagnosticada com depressão – e reconhecer-se deprimida, a cantora reinventa-se em um novo tipo de pessoa que acaba por mudar seu próprio entendimento da doença: é o “efeito *looping*” de Hacking (2007): os pacientes, diagnosticados, estigmatizados e estereotipados passam a ter uma experiência de mundo diferente a partir de sua classificação. E, além disso, seu comportamento tem a capacidade inclusive de mudar as classificações que geraram sua estigmatização e estereotipação. Mas como era a “nova Paula”, que começou a surgir, em sua narrativa, a partir do reconhecimento da depressão? É a Paula autêntica, verdadeira, que se conhece. Enquanto a depressão distanciou a cantora de suas maiores vontades, como ela mesma disse, a doença também alavancou seu *ressurgimento*.

E aí eu encarei a depressão como uma oportunidade, porque desde então eu comecei a exercitar me *conhecer e descobrir o que realmente eu sou e quero*. Eu sou resultado, hoje, da depressão que eu tive aos 18 anos. Então foi um acontecimento na minha vida. Me tornou uma pessoa muito melhor. [...] Depois do tratamento... É nítido: começa a trabalhar, fica mais dinâmico. Eu me enchia de esperança, de expectativa. A



minha busca – eu sempre fui muito forte pras coisas –, então desde então eu comecei a me tornar uma pessoa assim, que às vezes eu até me assusto: nossa, eu sou capaz disso! (grifo meu)

Em seus relatos pessoais, Paula Fernandes afirma que a depressão revelou seu verdadeiro eu. Ao mesmo tempo, nessa mesma narrativa de si proferida diversas vezes na mídia, ela constroi-se como autêntica perante o público. A depressão, portanto, é estopim para uma dupla autenticidade: a cantora que descobre seu verdadeiro *self* a partir da doença reforça essa autenticidade por meio da performance desse *self* verdadeiro inventado publicamente nas entrevistas. Ao abrir-se na mídia, Paula realiza o “espetáculo da interioridade” já mencionado por Arfuch (2006), mas uma interioridade verdadeira, autêntica, real – que assim o é graças à sua depressão –, apesar das pressões da família e do público.

Aí a partir daí eu comecei a ser uma pessoa diferente e eu mesma ficava assim “poxa, quem sou eu? Que cor que eu gosto? O que eu gosto de comer?” Então assim, acabou que o meu núcleo familiar fez com que fosse construída ao redor de mim uma, uma figura que obviamente eles queriam que fosse, mas aí eu comecei a me descobrir com essa depressão.

Essa interioridade veicula valores morais por si: o sucesso, o bem-estar, a felicidade, estão na autodescoberta, na aproximação com o *eu* real – mas não só. A imagem de autenticidade projetada por Paula Fernandes é a figura oposta à de sua depressão: forte, independente, que faz o que ama e conduz sua própria carreira – a típica imagem da mulher moderna, enfim.

Eu comecei a descobrir o que eu queria mesmo da minha vida [...], hoje eu tô trilhando essa carreira aí que tá dando supercerto [...]. Então assim, eu tô vivendo intensamente esse momento, com dignidade, que eu acho que é o mais importante, com muita força de vontade, com garra, que as mulheres tem isso aí já é de natureza [...] falo porque sou mulher e sei que é um mercado dominado por duplas masculinas, naturalmente, e eu tenho que ter a força de dois homens.

Vê-se que a mulher ideal projetada por Paula Fernandes como celebridade é ela mesma – bem-sucedida, dona da própria vida, forte, digna, tranquila, responsável, caseira, que não se droga nem corresponde às demandas contemporâneas por relações voláteis. Mas, acima de tudo, a mulher ideal projetada por Paula Fernandes como celebridade é ela mesma – seu *self* autêntico, seus gostos reais. Embora os adjetivos que acompanhem essa autenticidade sejam de extremamente importantes de serem analisados, o ponto de interesse para este artigo reside fundamentalmente na ideia da dupla autenticidade: aquela construída pela própria

Paula Fernandes a partir de seu diagnóstico de depressão (e do tratamento) e a que se constrói no momento em que suas narrativas são veiculadas na mídia. A celebridade autêntica passa, necessariamente, por uma visão de *self* também autêntico. E o transtorno psiquiátrico, mais do que uma falha na autonomia ou do que uma fraqueza de vontade, é construído pela cantora como uma “oportunidade” de renascimento como seu verdadeiro eu. Uma frase da cantora dita em entrevista à RedeTV sintetiza: “[a depressão,] embora seja uma coisa que, por um lado, é bastante ruim, negativa, pelo outro, pelo menos pra mim, foi um momento de renascimento”.

### Referências

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2010.

COSTA, Jurandir Freire. **O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

EHRENBERG, Alain. **La fatigue d’être soi: depression et société**. Paris: Odilon Jacob, 2000.

\_\_\_\_\_. La plainte sans fin. Réflexions sur le couple souffrance psychique/santé mentale. Cahiers de recherche sociologique, n° 41-42, p. 17-41, 2005.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.

FRANCO FERRAZ, Maria Cristina. Do espelho machadiano ao ciberespelho: interioridade na atual cultura somática. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, vol. 1, n°. 39, 2009, p. 85-90.

FREIRE FILHO, João (org.). **Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

\_\_\_\_\_. O Poder em Si Mesmo: Jornalismo de Autoajuda e a Construção da Autoestima. Artigo apresentado na XX Compós, Porto Alegre (RS), 2011.

\_\_\_\_\_. **A comunicação passional dos fãs: expressões de amor e de ódio nas redes sociais**. Trabalho apresentado no GP Cibercultura do XIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

GOFFMAN, Erving. **Stigma: Notes on the Management of Spoiled Identity**. Nova York: Simon & Schuster, 1963

HACKING, Ian. Kinds of People: Moving Targets. **Proceedings of the British Academy**, no 151, 2007, p. 285-318.

\_\_\_\_\_. **Mad Travellers: Reflections on the Reality of Transient Mental Illnesses**. Londres: Free Association Books, 1998.

MEYERS, Erin. "Can You Handle My Truth?": Authenticity and the Celebrity Star Image. **The Journal of Popular Culture**, vol. 42, no. 5, 2009, p. 890-907.

Pimentel, C.P.; Vaz, Paulo. Visualizando o Eu: considerações sobre a dimensão política das imagens cerebrais. **E-Compós** (Brasília), v. 12, p. 1-16, 2009.

ROSE, Nikolas. **Neurochemical Selves**. Society, vol. 1, no. 41, nov./dez. 2003, p. 46-59.

\_\_\_\_\_. **Biopolitics of Life Itself: Biomedicine, Power, and Subjectivity in the Twenty-First Century**. Princeton: Princeton University Press, 2006.

SOINTU, Eeva. The Rise of an Ideal: Tracing Changing Discourses of Wellbeing. In: **The Editorial Board of The Sociological Review**. Oxford: Blackwell Publishing, 2005.

SONTAG, Susan. **Doença como metáfora, AIDS e suas metáforas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

TAYLOR, Charles. **Ethics of Authenticity**. Cambridge: Harvard University Press, 1991.

TRILLING, Lionel. **Sincerity and Authenticity**. Boston: Harvard University Press, 1972.

TURNER, Graeme. **Ordinary People and the Media: the Demotic Turn**. Londres: Sage, 2009

VAZ, Paulo; POMBO, Mariana. Sofrimento psíquico, mídia e produção de subjetividade: elaboração de um nexo causal. In: COUTINHO, Eduardo; FREIRE, João & PAIVA, Raquel. Mídia e poder: ideologia, discurso e subjetividade. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

#### **Entrevistas analisadas:**

De frente com Gabi: entrevista [19/05/2013]. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=9bHnJv6uTQY>. Entrevista concedida a Marília Gabriela.

Mais Você: entrevista [14/09/2012]. Disponível em: <http://globo.com/rede-globo/mais-voce/v/paula-fernandes-sou-o-resultado-da-depressao-que-tive-aos-18-anos/2139067/>. Entrevista concedida a Ana Maria Braga.

Manhã Maior: entrevista [30/03/2011]. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=lSCDY-ZApRY>. Entrevista concedida a Daniela Albuquerque.

RODRIGUES, Perla. **'Infeliz, nunca fui; eu fiquei doente', afirma Paula Fernandes**. Disponível em: <http://g1.globo.com/fantastico/quadros/canal-f/noticia/2013/02/infeliz-nunca-fui-eu-fiquei-doente-afirma-paula-fernandes.html>. Acesso em 10 abr. 2013.

DE OLIVEIRA, Heloísa. **"Perdi sete quilos", diz Paula Fernandes sobre fase de depressão**. Disponível em: <http://musica.terra.com.br/quotperdi-sete-quilosquot-diz-paula-fernandes-sobre-fase-de-depressao,1a3fc63c8b15a310VgnCLD200000bbceb0aRCRD.html>. Acesso em 10 abr. 2013.